

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AUDRY, JACQUELINE AUDRY
9 de Outubro de 2021

MINNE, L'INGÉNUE LIBERTINE / 1950

um filme de JACQUELINE AUDRY

Realização: Jacqueline Audry / **Argumento e diálogos:** Pierre Laroche, a partir do romance de Colette, *L'Ingénue libertine* / **Fotografia:** Marcel Grignon / **Som:** Jacques Carrère, Lucien Lacharaise / **Música:** Vincent Scotto / **Montagem:** Marguerite Beaugé / **Guarda-Roupa:** Jacqueline Guyot / **Direcção Artística:** Raymond Druart / **Com:** Danièle Delorme (Minne), Franck Villard (Antoine), Jean Tissier (Maugis), Roland Armontel (Paul, pai de Antoine), Simone Paris (Irène Chaulieu), Charles Lemontier (Chaulieu), Yolande Laffon (Blanche, mãe de Minne), Claude Nicot (Barão Jacques Couderc), Roland Armontel (tio Paul), Jean Guélis (Ramon), Charlotte Clasis (Célinie), Marcel Mérovée (Léopold), Alexa (Polaire), Lucien Guervil (Camille).

Produção: Codo-Cinéma - Les Productions Claude Dolbert (Paris) / **Produtor:** Claude Dolbert / **Director de Produção:** Jean Veiter / **Cópia:** em 35mm, preto e branco, falada em francês e legendada electronicamente em português / **Duração:** 90 minutos / **Estreia Comercial em França:** 24 de Maio de 1950 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

A exibição do filme é antecedida de uma apresentação por Brigitte Rollet (cerca de 10 minutos, em francês, sem tradução).

Para aqueles que, como nós, entram no universo de Jacqueline Audry com **Minne, L'Ingénue Libertine**, tal não deixará de causar alguma perplexidade, certamente comum ao visionamento de tantos outros dos seus filmes, como não tardaremos a perceber. A estranheza deve-se em primeira instância ao modo desassombrado como a realizadora francesa mergulha no universo feminino para exprimir alguns dos seus mais secretos desejos de modo cristalino e sem grandes rodeios (a não ser os impostos pela censura da época). **Minne, L'Ingénue Libertine** é o segundo filme de Audry que adapta uma obra de Colette, neste caso *L'Ingénue Libertine* (1909), sucedendo **Gigi** (1949), filme anterior realizado com a forte colaboração da própria escritora, formando uma trilogia que culmina com **Mitsou**, já de 1956. Todos eles foram ainda adaptados com a colaboração do segundo marido de Audry, Pierre Laroche, e são protagonizados por Danièle Delorme, a “musa” de Audry, popularizada nos filmes da cineasta, conhecida também ela pelo seu misto de ingenuidade e de fulgor.

Minne, L'Ingénue Libertine é um claro exemplo de uma tendência diagnosticada no cinema de Audry face à representação da sexualidade feminina, já presente no texto original de 1909 que adapta, mas que no cinema de Audry ganha outra dimensão, que

não apenas a da transposição das palavras em imagens e sons. Atentemos a algumas emblemáticas sequências do filme. Na sua demanda da expressão do seu prazer, demanda rara no cinema da época, a personagem de Minne toma a iniciativa de se despir com uma pressa invulgar face a dois dos seus amantes, para espanto destes e do espectador. Frases como “Não tenho vontade de ficar. Já tive o bastante” depois de uma tarde de amor às escondidas do marido, são raramente ouvidas da boca de uma mulher, muito menos nos anos 1950. Minne di-las sem pudor ao jovem barão, assumindo o conjunto um certo efeito burlesco, como é burlesco o final da sua cena de strip-tease face ao “amante” mais velho. Mas nem este efeito cómico retira o potencial subversivo destas duas sequências em que a jovem mulher adquire o controlo da situação, antes o reitera, pelo modo como a representa.

No fundo as personagens de Audry são livres, e são livres na forma como vivem, assim como na forma como abordam verbalmente a sexualidade e as suas relações amorosas. A maior complexidade desta personagem feminina deve-se, porém, à combinação de uma vertente ingénua com a “libertinagem” aludida pelo título, que deixa o espectador mais desatento um pouco perdido entre as aventuras romanescas fantasiadas pela jovem Minne, que estão na origem de um casamento apressado e do posterior desencontro carnal com o marido (que têm um maior protagonismo no livro de Colette que no filme), e as aventuras com terceiros, que procura para satisfazer o seu prazer.

Votada à transgressão das regras do velho cinema francês, Audry revela essa apetência pela subversão nas suas protagonistas femininas, mas também numa mise-en-scène que explora o potencial subversivo do desejo. Fá-lo com muita elegância, em grande parte devedora dos cuidados cenários e guarda-roupa Belle Époque, um mundo herdado dos romances de Colette que lhe vale algumas críticas (a “tradição de qualidade francesa”), mas permite que o filme possa adquirir um capital acrescido em termos de riscos a correr. No entanto esses riscos são sempre limitados, como confessa a própria realizadora em 1954 a François Truffaut e a Jacques Doniol-Valcroze, quando refere o que poderia ter filmado ainda para **Minne, L’Ingénue Libertine** e o que o filme poderia ter explicitado em termos de erotismo, caso não existisse censura. Um comentário que parte do carácter mais explícito do final do romance de Colette face a um filme que substitui o aí verbalizado êxtase da protagonista pelo simbolismo de uma imagem da baía de Monte Carlo seguida de um plano de um enorme cacto.

Se, na altura da sua estreia, este e outros filmes de Audry conheceram um enorme sucesso público em França, tendo mesmo sido “exportados” para os Estados Unidos (**Gigi** foi objecto do famoso remake de Vincente Minelli), tal não evitou que a cineasta caísse depois no esquecimento. Como escrevia em 2018 Mark Cousins na revista *Sight&Sound*: “Foste uma das poucas realizadoras-mulheres na França do pós-guerra. Viveste em maior acordo com o teu tempo literário e político, do que com o teu tempo cinematográfico. Subiste perto do topo de um sistema fílmico que foi abalado por uma revolução que era simultaneamente radical e de algum modo conservadora. Foste o oposto – conservadora e de algum modo radical.”

Joana Ascensão